



Possibilidades heurísticas da entrevista narrativa para a pesquisa em educação musical

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Maura Penna

Universidade Federal da Paraíba – maurapenna@gmail.com

Resumo. Com base em nossa experiência como pesquisadora e orientadora de pesquisa na área de educação musical, esta comunicação apresenta uma reflexão sobre as possibilidades heurísticas da entrevista narrativa. Inicialmente, são examinadas propostas metodológicas que se apoiam na memória autobiográfica, como a história de vida, o método (auto)biográfico e a entrevista narrativa. Na sequência, são apresentadas pesquisas que utilizaram a entrevista narrativa, detalhando os procedimentos metodológicos e discutindo-se sua produtividade. A conclusão indica o valor heurístico da entrevista narrativa, que pode ser útil para diversas temáticas, produzindo dados mais detalhados e subjetivamente significativos do que esquemas de perguntas e respostas.

Palavras-chave. Entrevista narrativa. Memória autobiográfica. Pesquisa em educação musical. História de Vida. Método (auto)biográfico.

Heuristic Possibilities of Narrative Interview for Research in Music Education

Abstract. Based on our experience as a researcher and research advisor in music education area, this paper presents a reflection on the heuristic possibilities of narrative interview. At first, methodological proposals based on autobiographical memory are examined, such as life story, (auto)biographical method and narrative interview. Next, some researches that use the narrative interview are presented, detailing their methodological procedures and discussing their productivity. The conclusion indicates the heuristic value of the narrative interview, which can be useful for several themes, producing more detailed and subjectively significant data than question and answer schemes.

Keywords. Narrative interview. Autobiographical memory. Research in music education. Life Story. (Auto)biographical method.

1. Introdução

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre as possibilidades heurísticas da entrevista narrativa, com base em nossa experiência como pesquisadora e orientadora de pesquisa na área de educação musical em diversos níveis, da graduação ao doutorado. Tais atividades têm sido desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Música, Cultura e Educação, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob nossa coordenação.

Inicialmente, caracterizamos a entrevista narrativa, explorando seu vínculo com a memória e a experiência pessoais, e traçando um panorama com outras abordagens e propostas que também nelas se baseiam – como as histórias de vida e o método (auto)biográfico. Na sequência, apresentamos em linhas gerais a pesquisa desenvolvida entre

2016 e 2020, *Percursos de Estudo e Formação Musical: significações pessoais da relação com a música*, que, buscando a história de vida musical, consolidou o uso da entrevista narrativa como estratégia preferencial para a coleta de dados, em função dos objetivos pretendidos.

Finalmente, examinamos algumas possibilidades do emprego produtivo da mesma estratégia de trabalho com a entrevista narrativa, com outras temáticas e questões/problemas de pesquisa.

2. Abordagens de pesquisa com narrativa, memória, experiência pessoal

A capacidade de abstração e de simbolização do ser humano está na base de suas narrativas, inclusive daquelas coletivamente compartilhadas. Esta capacidade de “criar histórias”, acreditar nelas e tomá-las como base para suas ações é, inclusive, considerada pelo historiador Harari (2018) como o fator determinante para o *homo sapiens* ter sobrepujado todos as outras espécies de humanos. Sendo capaz de crer em coisas que não existem na natureza, o *sapiens* é capaz de cooperar de forma flexível em largo número:

A capacidade de criar uma realidade imaginada com palavras possibilitou que um grande número de estranhos coopere de maneira eficaz. Mas também fez algo mais. Uma vez que a cooperação humana é baseada em mitos, a maneira como as pessoas cooperam pode ser alterada modificando-se os mitos – contando-se histórias diferentes. Nas circunstâncias adequadas, os mitos podem mudar muito depressa. Em 1789, a população francesa, quase da noite para o dia, deixou de acreditar no mito do direito divino dos reis e passou a acreditar no mito da soberania do povo. (HARARI, 2018, p. 41)

Deixando essa perspectiva macro de Harris (2018), podemos afirmar que contar a história pessoal está ligado à memória biográfica e à maneira como esta dá significado à própria experiência (SILVA Jr., 2018, p. 174-178). Neste sentido, quando trabalhamos com narrativas relacionadas à “evocação de eventos pessoais”, não buscamos os fatos em si, mas a maneira subjetiva como foram vivenciados por aquele que narra e incorporados à memória de modo significativo. Nesta medida, as narrativas cumprem a proposta fenomenológica de focar a perspectiva de cada sujeito sobre os acontecimentos vividos, a forma como a realidade é percebida (BODGAN; BIKLEN, 1994, p. 53-54). Assim, o papel seletivo e interpretativo da memória – que sustenta a narrativa de uma experiência de vida, por seu caráter autobiográfico – é evidente se considerarmos, por exemplo, que um mesmo fato ocorrido em uma família pode ser lembrado e relatado pelos sujeitos envolvidos de modos distintos ou até mesmo opostos.

Embora os estudos da oralidade tenham origem na antropologia, o uso das narrativas autobiográficas, na forma das histórias de vida, tornou-se mais frequente nas pesquisas nas ciências humanas a partir da corrente historiográfica da “história oral” (LOZANO, 2006, p. 15-16). Esta, por sua vez, contribuiu para ampliar os materiais dos estudos históricos para além da concepção de documento como o registro escrito, de caráter oficial (cf. PENNA, 2020, p. 117-118). Assim, a história oral suscitou práticas de pesquisas diferenciadas: a primeira de caráter documentalista, criando e organizando arquivos de depoimentos/documentos transcritos, importante para não se perder a oportunidade de registrar as histórias de vida de diferentes atores sociais, registros esses que podem se tornar objeto de pesquisas.¹ A outra tendência metodológica está centrada na discussão teórica que a fonte oral pode proporcionar, seja como material central ou complementar para a pesquisa (LOZANO, 2006, p. 22-24).

No campo da educação, as histórias de vida de professores tornaram-se fundamentais à medida que seus saberes experienciais passaram a ganhar destaque, e o estudo de seus percursos de formação e profissionalização deixaram de se restringir aos espaços institucionais de formação (NÓVOA, 2013). Assim, suas histórias de vida tornaram-se essenciais para o estudo dos processos de formação, nos quais os aspectos pessoais, culturais, sociais e profissionais se entrecruzam. Nesta direção, passou a ser valorizada a pesquisa (auto)biográfica, que “explora o entrelaçamento entre linguagem, pensamento e *práxis* social” (PASSEGGI, 2010, p. 111). Embora submetidas a diferentes enfoques teórico-metodológicos e a múltiplas denominações, as narrativas (auto)biográficas passaram a ser consideradas tanto como práticas de formação do adulto em geral – ou do professor em particular – quanto como método e fonte de pesquisa (JOSSO, 2010; PASSEGGI, 2010). Esta abordagem tem se expandido bastante também na área de educação musical, como mostra o artigo de Röpke e Monti (2021), que, num levantamento da produção da área em nível de doutorado, encontraram 16 teses defendidas no período de cinco anos – entre 2015 e 2019 – que indicavam explicitamente (auto)biografia ou histórias de vida “como método ou metodologia”.

Um dos riscos que encontramos em alguns trabalhos com o método (auto)biográfico é a supervalorização do discurso do sujeito.² Como vimos, toda narrativa sobre a experiência pessoal irá revelar como a pessoa que narra vivenciou os fatos relatados e lhes deu significado. No entanto, cabe ao pesquisador não apenas servir como porta-voz desse discurso, mas analisá-lo criticamente, no quadro das condições sociais, culturais e políticas

em que foi gerado. Como já argumentamos em trabalho anterior, todo texto/discurso – oral ou escrito, texto oficial, lei ou relato pessoal – precisa ser necessariamente contextualizado (PENNA; FERREIRA FILHO, 2019). No mesmo sentido, Passeggi (2010, p. 127) aponta que a pesquisa (auto)biográfica tem que ultrapassar “a ideia intimista da subjetividade” para alcançar “uma visão histórico-cultural do sujeito”. Embora considerando que “as narrativas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço”, por estarem inseridas em um contexto sócio-histórico, é somente tomando-o como referência que a “voz específica em uma narrativa pode ser compreendida” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2004, p. 110).

3. História de vida musical com base na entrevista narrativa

Na pesquisa *Percursos de Estudo e Formação Musical: significações pessoais da relação com a música*, procuramos focalizar a relação pessoal que cada um estabelecia com a música, o modo como cada pessoa experienciava esta relação ao longo da sua “história de vida musical”. O problema/questão de pesquisa era: “o que a música significa para cada pessoa que investe na prática musical, desenvolvendo-a sistematicamente, buscando aprimorá-la e adotando-a para sua formação e/ou atuação profissional?”.

Em uma abordagem qualitativa, tributária da fenomenologia e baseada na história de vida, foi adotada para a coleta de dados a entrevista narrativa, considerada por Flick (2004, p. 110) como método. Esta opção buscava interligar a dimensão subjetiva aos fatores sociais e culturais, relativos aos diversos contextos de formação musical, analisando as significações subjetivas atribuídas à música em diferentes momentos de vida e/ou em contextos distintos. Tomando como base para a análise a Teoria do Sentido de Vida (também conhecida como Logoterapia) de Viktor Frankl, buscamos também perceber como a música influía na realização de um “sentido de vida” (FRANKL, 2014, p. 133).

Com cada participante, foram realizadas duas entrevistas, articuladas e complementares. A primeira, de caráter narrativo, concentrou-se na história de vida musical de cada sujeito. Neste ponto, apoiamos-nos em Flick (2004, p. 109), que considera a *narrativa livre* capaz de melhor expressar a experiência subjetiva do que um esquema de perguntas e respostas, mesmo que flexível. Assim, foi adotada uma “questão gerativa” bastante ampla, que pedia que o sujeito contasse a sua relação com a música – qualquer tipo de música – ao longo de sua vida, em qualquer situação (família, igreja, escola, etc.), abordando também como se sentia em relação a ela. A partir dessa questão, o sujeito podia conduzir sua narrativa

com liberdade, cabendo ao pesquisador a “escuta ativa – ou seja, comunicando interesse sem intervir” (FLICK, 2004, p. 114). Desta forma, a história de vida musical mostrou-se bastante produtiva para nossa pesquisa, trazendo aspectos socioculturais e também subjetivos. Como indica Gibbs (2009, p. 80), a narrativa é “uma das formas fundamentais com que as pessoas organizam sua compreensão do mundo [...] elas dão sentido a suas experiências passadas e compartilham essas experiências com outras”.

Em um segundo momento – em geral com cerca de 15 dias de diferença –, era realizada uma entrevista um pouco mais estruturada, com caráter complementar. Como a tendência dominante na primeira entrevista – narrativa – era focar o percurso de estudos e experiências musicais, nessa segunda entrevista retomávamos pontos da narrativa anterior, buscando esclarecer o papel da música para a vida do participante, especialmente a sua significação subjetiva e emocional. Essa estratégia de complementar a entrevista narrativa com uma entrevista semiestruturada guarda relação com a proposta de entrevista narrativa de Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 95-100), que propõem um primeiro momento de “narração central”, sem que o entrevistado seja interrompido, seguida por “questões imanentes” formuladas pelo pesquisador, retomando pontos da narração apresentada e/ou articuladas a ela.

Por depender da narrativa original, o roteiro flexível para esta segunda entrevista que realizávamos em nossa pesquisa só podia ser preparado após a transcrição do relato obtido na primeira narrativa. Eram formuladas questões relativas a: “Como você se sente atualmente (ou se sentia em determinado momento da sua história de vida) em relação à música (ou a determinada prática musical: tocar/cantar, ensinar, compor, etc.)?” Cabe ressaltar que, apesar de ter por base um roteiro flexível, essa segunda entrevista permitia tanto a expressão da subjetividade quanto o aprofundamento do relato, até mesmo por possibilitar, com este segundo momento de interação, um aprofundamento da relação de confiança entre o pesquisador e o participante da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por estudantes de iniciação científica³, com planos de trabalho voltados para sujeitos com diferentes perfis – p. ex., alunos dos cursos superiores de música da UFPB que tiveram sua iniciação em igrejas, em bandas, ou em espaços não formais da música popular, etc. Focalizar sujeitos com perfis distintos a partir do contexto de sua formação em música e/ou de sua prática atual permitiu analisar de modo articulado aspectos socioculturais e pessoais/subjetivos, que influenciavam as suas relações com a música. Como trabalhamos com voluntários (participação livre e esclarecida na pesquisa) que

atendessem às características de formação especificadas para cada momento da coleta, não se tratou de uma amostra representativa de grupos ou populações, por maior que tenha sido o número de entrevistados no decorrer da realização desse projeto (totalizamos 49 sujeitos, de 2016 a 2020), e não houve a intenção de generalizar estatisticamente.

Em nossa análise buscamos, inicialmente, caracterizar o percurso de formação dos sujeitos participantes. Num segundo momento, compreender as significações que a música ganhava em diferentes momentos de sua vida, com base nos referenciais da Teoria do Sentido de Vida: “O sentido não pode ser dado arbitrariamente, mas deve ser encontrado responsabilmente, [...] ser buscado conscientemente” (FRANKL, 2013, p. 82). Assim, é coerente falar de projeto de vida, embora este sentido se modifique dinamicamente.

Nossa pesquisa evidenciou que, através da música, os sujeitos participantes encontravam um sentido de vida, realizando sentidos e propósitos através de diversas atividades musicais – de performance, de criação ou de ensino.⁴ Por outro lado, ela também deixou claro o papel da narrativa e da memória autobiográfica na “construção de significados sobre sua própria trajetória de vida” (SILVA Jr., 2018, p. 176). Costumávamos concluir a segunda entrevista indagando aos sujeitos participantes como tinham se sentido dando o seu relato para a pesquisa, sendo comum a resposta revelar a satisfação em retomar o próprio percurso, conscientizar-se do trajeto percorrido e das conquistas realizadas. Como indica Josso (2010):

[...] a interpretação narrativa e espontânea do itinerário de vida comporta uma dimensão imaginária, porque se trata de uma releitura do passado na ótica do questionamento, dos projetos, dos desejos e das perspectivas de vida inscritas no presente, no passado e nas projeções [...] de um futuro próximo ou longínquo. (JOSSO, 2010, p. 297)

4. Possibilidades heurísticas das entrevistas narrativas

A pesquisa acima apresentada evidenciou o valor heurístico da entrevista narrativa em comparação a outros esquemas baseados em perguntas e respostas. Sob nossa orientação, a entrevista narrativa foi, ainda, a principal estratégia metodológica em pesquisas de vários níveis – da graduação ao doutorado –, sobre diversas temáticas, relacionadas à história de vida musical e/ou a experiências mais delimitadas com a música.

Mesmo quando a questão de pesquisa não tratava especificamente da história de vida musical, mas das influências sobre os sujeitos envolvidos de uma certa prática ou proposta educativa – como uma banda escolar ou um projeto social –, consideramos que a entrevista narrativa poderia levar a dados mais detalhados e significativos. Possivelmente, se

fossem diretamente indagados sobre como foi aquela determinada prática para eles ou o que ela lhes trouxe, as respostas tenderiam a ficar em aspectos genéricos e um tanto superficiais, talvez reproduzindo ideias correntes. Considerando-se os limites de cada fonte de dados, no esquema de pergunta e resposta – mesmo em uma entrevista semiestruturada, com seu caráter flexível – seria maior a possibilidade de as respostas procurarem contemplar aquilo que o entrevistado acreditasse que o pesquisador queria ouvir, ou o que lhe era mais “seguro” declarar (PENNA, 2020, p. 145).

Por outro lado, se aquela determinada prática ou proposta educativa realmente tivesse sido significativa, ao serem incentivados a relatar a sua relação com a música e/ou a cultura, isto certamente surgiria. E, neste ponto, a entrevista narrativa mostrava-se mais indicada, com maior possibilidade de gerar dados detalhados, subjetivos e confiáveis. Além disso, o caráter não diretivo da entrevista narrativa, conforme adotamos na pesquisa anterior e nessas orientações, deixava o sujeito mais livre, capaz de dirigir seu relato, contribuindo para estabelecer uma relação de maior confiança entre entrevistador e entrevistado.

A estratégia das duas entrevistas – sendo a segunda semiestruturada e retomando pontos da narrativa anterior –, também foi empregada, tendo-se mostrado valiosa para aprofundar a relação de confiança, permitindo ao participante uma maior elaboração das significações envolvidas em sua trajetória. Deste modo, conteúdos mais significativos – ou que inicialmente poderiam ser interpretados como mais sensíveis ou negativos –, usualmente surgiam na segunda entrevista. Nos limites desta comunicação, vamos exemplificar essas questões com dados de duas pesquisas de mestrado em que as entrevistas narrativas constituíram a principal metodologia de coleta de dados (SANTANA, 2019; SILVA, 2020).

A pesquisa de Santana (2019) buscou conhecer a influência sobre o desenvolvimento da cidadania do projeto sócio-orquestral Prima (Programa de Inclusão através da Música e das Artes), mantido pelo governo do Estado da Paraíba. Voltado para crianças e adolescentes “em situação de vulnerabilidade social”, o programa tem, entre seus objetivos, “fomentar o exercício da cidadania de seus integrantes” (PARAÍBA, s/d). A primeira questão que lhe colocamos, de caráter essencial, foi conceituar adequadamente cidadania, para que não ficasse como um “implícito do discurso” – uma “noção confusa”, compartilhada em sua ambiguidade –, o que não atenderia à exigência de clareza e precisão do discurso científico (PENNA, 2020, p. 42-43).

A mestranda resolveu bastante bem essa conceituação, desenvolvendo uma discussão teórica sobre cidadania cultural com base em Paulo Freire e Marilena Chauí,

inclusive empregando-a consistentemente em sua análise. Passamos, então, às definições metodológicas: seria junto aos egressos do Prima que poderíamos avaliar a contribuição do programa para o exercício da cidadania, e a entrevista narrativa seria a metodologia adotada. Como em todas as pesquisas que orientamos com qualquer tipo de entrevista, foi realizada uma aplicação piloto (pré-teste), com vista tanto a avaliar a adequação dos instrumentos – a questão gerativa, para a primeira entrevista; a elaboração do roteiro da segunda, semiestruturada – quanto ao treinamento da mestranda para uma adequada coleta (cf. PENNA, 2020, p. 142-145).

Foram, então, selecionados dez sujeitos que se dispuseram voluntariamente a participar da pesquisa, egressos de diferentes núcleos do Prima, que eram estudantes de graduação em diversas universidades do estado: cinco em cursos de música; cinco em cursos de outras áreas. Como os sujeitos se encontravam em várias cidades e a coleta era presencial, havia, sem dúvida, um grande esforço envolvido. Assim, após realizar a primeira entrevista (narrativa) com todos os sujeitos, a mestranda indagou se aquele material coletado já seria suficiente. Como, na aplicação piloto, relatos sobre dificuldades com professores do Prima apareceram apenas na segunda entrevista e ainda não tinha surgido, em sua coleta, nenhum aspecto negativo, insistimos na necessidade de realizar a segunda entrevista, como planejado. Essa decisão mostrou-se acertada, pois nela foram relatadas situações mais problemáticas vivenciadas no programa. Além disso, na análise apresentada na dissertação, a maior parte dos excertos de entrevistas discutidos foram dos segundos relatos. Neste sentido, cabe ressaltar que, apesar de a segunda entrevista ter por base um roteiro flexível, na medida em que retomava pontos da entrevista narrativa visando o aprofundamento de aspectos de interesse do pesquisador – ligados a seus objetivos, portanto –, persistiam o caráter narrativo e o papel da memória autobiográfica em interpretar e dar significado às vivências pessoais.

Por sua vez, a pesquisa de Silva (2020) objetivava compreender as influências de bandas marciais⁵ sobre a vida de ex-integrantes que não seguiram uma formação musical. O papel de bandas como espaço de iniciação musical para muitos que seguiram estudos nos próprios cursos da UFPB já era conhecido, inclusive tendo sido contemplado por nossa pesquisa discutida no item anterior. No entanto, Silva buscava analisar como essas bandas afetavam, em termos amplos, a formação de seus participantes.

Se a coleta fosse baseada em questões direcionadas especificamente para a participação na banda, possivelmente as respostas seriam limitadas a aspectos já conhecidos, como a oportunidade para desenvolver uma prática musical, um espaço para fazer amigos e

trabalhar em equipe, a oportunidade de se apresentar em público e viajar. Tais declarações reforçariam a visão presente em muitos trabalhos sobre bandas que as apresentam como “o conservatório do povo” ou ressaltam suas funções na socialização e disciplina.

Por outro lado, coletando dados a partir de uma questão gerativa que solicitava ao ex-integrante de uma banda marcial escolar que relatasse suas vivências musicais ao longo da vida, a banda certamente seria contemplada nesta narrativa de modo espontâneo e mais significativo. A segunda entrevista pedia um maior detalhamento acerca de colocações sobre a banda levantadas na primeira entrevista. Retomando pontos da narrativa anterior, usávamos alguns bordões que ajudavam a alcançar significações mais subjetivas: “fale mais sobre isso”; “dê um exemplo de uma situação desse tipo”; “como você se sentia com isso?”. Assim, ultrapassando os lugares-comuns correntes sobre o papel educativo das bandas de música, os sujeitos das pesquisas de Silva (2020) revelaram, também, questões como o autoritarismo de alguns regentes, disputas internas ou entre bandas, insatisfação com práticas que não levavam ao desenvolvimento musical desejado.⁶

Nas duas pesquisas aqui relatadas, de caráter qualitativo, não houve intenção de se generalizar estatisticamente – ou seja, de pretender que os resultados fossem aplicados a todos os egressos do Prima ou a todos os ex-integrantes de bandas marciais de João Pessoa. No entanto, ambas trabalharam com sujeitos concretos, com dados significativos, possibilitando uma análise capaz de repercutir em questões importantes para a área de educação musical, e contribuindo para a sua construção coletiva e provocando reflexões.

5. Considerações finais

Como visto, há similaridades entre as diversas perspectivas metodológicas que se baseiam na memória autobiográfica e nas narrativas resultantes, ligando-se todas, de uma forma ou de outra, às histórias de vida – musical, no nosso caso. No entanto, ao propor a entrevista narrativa como uma estratégia de pesquisa, argumentamos que o relato sobre a história de vida pessoal – ou algum momento específico dela – deixa de ter finalidade em si mesmo, tornando-se um meio para compreender melhor acontecimentos experienciados, em suas significações subjetivas. De modo mais amplo, portanto, a entrevista narrativa pode se mostrar útil e produtiva para pesquisas com temáticas e enfoques distintos.

Neste ponto, cabe ressaltar a importância da explicitação de todos os procedimentos de coleta de dados, como forma de se poder avaliar as bases empíricas que sustentam qualquer discussão apresentada que não se pretenda meramente especulativa.

Usualmente, roteiros de entrevistas são apresentados apenas em apêndices de teses ou dissertações, que nem sempre são consultados; em artigos, raramente são incluídos. No entanto, análises aparentemente bem articuladas e coerentes por vezes revelam-se frágeis, quando analisamos como os dados foram coletados e encontramos, por exemplo, perguntas e/ou alternativas de respostas que limitam as possibilidades, quando não são simplesmente tendenciosas. Neste sentido, Silverman (2009, p. 249) indica, como questões essenciais para a avaliação de uma pesquisa (dentre outras): (i) “Os métodos da pesquisa são apropriados para a natureza da questão que está sendo formulada?”; (ii) “A sensibilidade dos métodos corresponde às necessidades da questão da pesquisa?”

A partir dos exemplos apresentados, o argumento que defendemos é que, para a coleta de dados significativos acerca de experiências pessoais com a música, a entrevista narrativa revela-se mais apropriada e mais sensível do que esquemas baseados em perguntas e respostas. Ela é, portanto, mais produtiva, sendo seu valor heurístico reforçado pelo fato de permitir alcançar aspectos subjetivos, que são de especial interesse para pesquisas qualitativas, tributárias de um enfoque fenomenológico.

Referências

- ABREU, Delmary Vasconcelos de. História de vida e sua representatividade no campo da educação musical: um estudo com dois educadores musicais do Distrito Federal. *InterMeio*, Campo Grande, v. 23, n. 45, p. 207-227, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/5080/3774> Acesso em: 10 jan. 2020.
- BODGAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Ed., 1994.
- FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FRANKL, Viktor. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2013.
- FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. 32. ed. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- JOSSO, Marie-Cristine. *Experiência de si e formação*. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2010.



JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 90-113.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.15-25.

MENEZES, Marilda Aparecida (Org.). *Histórias de migrantes*. São Paulo: Loyola, 1992.

NÓVOA, António. *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Ed., 2013.

PARAÍBA. Secretaria da Educação e da Ciência e Tecnologia. *Prima*. [s/d] Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao-e-da-ciencia-e-tecnologia/programas/prima> Acesso em: 22 jun. 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano!: autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (Orgs.). *Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. 2. reimpr. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 89-102.

PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música*. 3. ed. ampl. e rev. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PENNA, Maura; FERREIRA FILHO, João Valter. Os limites das fontes documentais: do samba enredo da Mangueira 2019 ao discurso oficial sobre o canto orfeônico. *Opus*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 602-628, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2019c2527/pdf> Acesso em: 20 jan. 2020.

PENNA, Maura; PINTO, Ana Luiza; SANTOS, Susie. Relações com a música em diversos contextos de formação: significações e sentido de vida. *Revista da ABEM*, v. 26, n. 40, p. 5 - 22, 2018a. Disponível em: <http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/714/505> Acesso em: 15 fev. 2019.

PENNA, Maura; PINTO, Ana Luiza; SANTOS, Susie. Minhas músicas, suas músicas: (in)exclusões e (trans)formações na licenciatura em música. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2018, Salvador. *Anais*, Salvador, 2018b. Disponível em: <http://www.abemeducaomusical.com.br/conferencias/index.php/nd2018/regnd/paper/view/2909/1611> Acesso em: 20 abr. 2020.

PENNA, Maura *et al.* “É isso o que eu quero para mim”: a descoberta da música como sentido de vida num curso técnico integrado. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 24., Campo Grande, 2019. *Anais eletrônicos*. ABEM, 2019. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/xxivcongresso/2019/paper/viewFile/16/207> Acesso em: 10 abr. 2021.

PENNA, Maura; De Paula, Hermano. Para viver de/para a música: entre escolhas e significações. ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 17., on line, 2020. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/viewFile/398/291> Acesso em: 10 abr. 2021.

RÖPKE Camila Betina; MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga do. (Auto)biografia e educação musical: produção de teses em educação, história e música entre os anos de 2015 e 2019. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 06, n. 17, p. 207-223, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9278> Acesso em: 10 maio 2021.

SANTANA, Elizane Priscila Silva. *Cidadania e projetos sócio-orquestrais: um estudo a partir das perspectivas dos egressos do PRIMA*. 2019. 170 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19395/1/ElizanePriscilaSilvaSantana_Dissert.pdf Acesso em: 10 abr. 2021.

SILVA, Rodrigo Lisboa da. *Memórias da Banda: percursos de formação de ex-integrantes*. 2020. 196 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18517/1/RodrigoLisboaDaSilva_Dissert.pdf Acesso em: 10 abr. 2021.

SILVA JÚNIOR, José Davison da. Música e memória autobiográfica. In: SANTIAGO, Diana (Org.), *Prática musical, memória e linguagem*. Salvador: Ed. da UFBA, 2018. p. 173-202.

SILVERMAN, David. *Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

¹ Um exemplo desse tipo pode ser encontrado em Menezes (1992), que apresenta histórias de vida recolhidas pelo Centro de Estudos Migratórios, de São Paulo, e que serviram de base para nossa análise em Penna (2002).

² Até por termos conhecido pessoalmente a atuação de um dos sujeitos de Abreu (2017, p. 214-220), no quadro do regime militar em Brasília, entendemos que falta em sua análise uma adequada contextualização de seu relato, que acaba sendo tomado como “absoluto” – ou seja, como expressão única da realidade.

³ Sendo a maioria os participantes da pesquisa estudantes de cursos de graduação em música da UFPB, sendo o entrevistador um colega também aluno desses cursos, evitava-se a relação hierárquica que poderia acontecer se fôssemos coletar diretamente os dados. Essa interação mais simétrica possibilitava maior confiança, contribuindo para o aprofundamento dos relatos em suas significações subjetivas.

⁴ Para resultados dessa pesquisa, ver: Penna, Pinto e Santos (2018a; 2018b); Penna et alli (2019); Penna e De Paula (2020).

⁵ Silva (2020) trata de bandas marciais como prática musical de caráter extracurricular desenvolvida em escolas de educação básica.

⁶ Neste caso, bandas em que não se trabalhava a leitura de partitura, o que prepararia para as provas específicas dos processos seletivos para os cursos de graduação em música da UFPB.